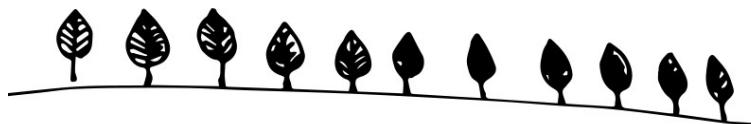


Por entre as folhas
do meu quintal
/ Cíntia Moreira

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022



Como medimos a duração de um ano efetivamente? Pelos dias e meses que o constituem? Pelas experiências vividas? Pelas reflexões? Ausências? Mudanças? O que faz um tempo ser curto ou longo demais?

Por um ano, moramos em uma chácara próxima ao Rio Paraíba. Primeiro foram as histórias vividas, impregnadas de sentido, emaranhadas em emoções. Trôpegas. Cambaleantes. Depois vieram as palavras escritas, derramadas na tela ou no papel. Entre lágrimas ou a seco. Regadas por sorrisos, chás e taças de vinho. Sozinha ou acompanhada.

Cada linha escrita é parte de mim. Algumas exatamente como foram, outras licenciadas pela memória afetiva, pelo ato criativo ou pelo desejo do que poderia ter sido. Foram minhas, mas poderiam ter sido de qualquer pessoa, por isso as deixo aqui, longe de qualquer possibilidade de contagem de tempo, ao alcance de outros olhos e ouvidos.

Mudanças

A casa onde morávamos foi vendida, por isso foi preciso encontrar uma nova morada de forma muito rápida. Uma amiga sugeriu uma chácara. Fomos conhecer. Era longe, a casa simples, precisando de reparos, mas havia o verde e as árvores. Viver em uma chácara é uma idealização romantizada. Era para mim. O pensamento lindo de aproximação à natureza. De pássaros cantando e árvores carregadas de flores e de frutos. De cara senti medo e fiquei dividida entre a comodidade do centro e a aventura do campo. Algumas coisas foram pesando, como por exemplo o fato de não dirigir e o ponto de ônibus ficar a pouco mais de dois quilômetros da casa. Não havia mercados na extensa rua de três quilômetros. Ninguém entregava comida. Eu, acostumada com o conforto e facilidades urbanas, titubeei em passar do ideal para a realidade. Contudo, a pandemia ainda estava presente e o aluguel era possível. Teríamos o privilégio de espaço externo e ar puro em meio a tanto sufocamento. Fechamos!

A mudança não foi fácil. Um dia antes, convoquei um irmão, uma amiga e uma ajudante para limpar a casa, pintar

um cômodo e o rejunte da cozinha. Pareciam tarefas simples, já que a construção era pequena. Ledo engano. A inexperiência fez com que levássemos o dia na tarefa de pintar. Já no final, fazíamos as coisas como dava, celebrando o que conseguimos fazer. Durante toda a nossa estadia, uma mancha de tinta branca resplandeceu sobre o batente da porta da cozinha. A necessidade aliada à pressa resultou em desorganização.

No dia da mudança, as coisas estavam meio empacotadas, uma parte amarrada em lençóis, outra parte despejada no carro ou, ainda, embrulhada nos últimos minutos, enquanto o caminhão já fazia a primeira viagem. O dia foi contado não pelo relógio, mas pelo número de viagens que o Domenico fazia de carro, com itens menores. Nominei as caixas e deixei orientações de onde elas deveriam ser colocadas. Ao final do dia, cansada pelo esforço insano de enchê-las enquanto eram carregadas, finalmente chego em meu novo refúgio. Ao entrar pela sala, fico paralisada. Todos os nossos empacotamentos despejados nela. Não havia possibilidade de andar no lugar. Senti o arrependimento despencar em meu corpo. Parecia impossível encontrar um lugar para tudo. A palavra “frágil”, escrita em letras garrafais, estava na base da parede de papelão que se erguia à minha frente. Estávamos saindo de um sobrado com três quartos, escritório e sótão para uma casa com dois quartos e uma cordilheira de caixas. Quis chorar e não encontrei forças. Corri para o chuveiro enquanto uma água mirrada escorria sobre mim. Tirei as caixas que estavam no minúsculo quarto para ter respiro.

Jurei que a próxima mudança demoraria muito e seria bem mais organizada. Fiquei consolada por este pensamento e, nele, adormeci.

Sem rumo

Fazia pouco mais de um mês da mudança. Dentro da casa as coisas já tinham encontrado seu lugar. Coloquei cortinas de renda na cozinha e lavava a louça admirando as árvores pela janela. Incrivelmente acordava às 5h30 disposta, o que parecia contra a minha natureza. Ainda assim, meu coração continuava apertado. Não tinha certeza de ter feito a melhor escolha. Tudo era tão longe, e eu sem dirigir. Tinha a sensação de não ter controle sobre as coisas. Sem combinar, assumi para mim a tarefa de alimentar as galinhas. Pela manhã, colocava a comida no galinheiro e abria o portão lateral para que elas pudessem sair para o quintal e manter a chácara livre de cobras e afins. No fim da tarde, repetia o ritual e as fechava novamente.

Junto com a mudança da casa mudei também de trabalho. Voltei para a sala de aula. Coração ansioso pelas novidades e inseguro da nova jornada. Numa sexta-feira, fui ao primeiro dia na escola participar do planejamento inicial. Conheci a nova equipe e andei pelo prédio da escola. Alguns professores continuavam em teletrabalho devido à pandemia. A dúvida sobre o novo lugar ainda se pendurava em meu pescoço.

No domingo acordei cedo, alimentei as galinhas. Almocei debaixo da árvore. Preguicei na rede. No final da tarde fui guardar a bicharada. A galinha garnisé ofereceu resistência. Nós ríamos e íamos para um lado enquanto ela seguia para o outro. Combinei com o Domenico que ele pararia no caminho de terra e eu iria pelo outro lado. Como todo janeiro que se preze, havia chovido bem nos últimos dias, e a mureta que separa a parte alta da parte baixa estava coberta por um limo fresco. Apoiei meu pé e impulsionei o corpo. Foi tudo tão rápido que, quando dei por mim, estava estatelada no chão, com o pé direito para cima e uma bola de tênis de mesa crescida nele. Lembro-me de pensar que nunca tinha sentido uma dor tão grande. Com muita dificuldade, Domenico conseguiu me levar até o sofá da varanda. Trouxe lenço umedecido para que eu pudesse me limpar. Foram cerca de quarenta minutos até conseguir me mexer novamente e alcançar o carro, para irmos ao pronto-socorro. Desde a minha entrada até a saída, foram quase duas horas de muita dor. Sobe e desce rampa, entra em uma sala e segue para a outra, injeções. Resultado: entorse grave, repouso absoluto de quinze dias ou andar com botinha ortopédica. Optei pela botinha para continuar no novo trabalho. Minha querida amiga Pauline, que é fisioterapeuta, fez vários procedimentos e foi me guiando na recuperação.

Durante este período só conseguia pensar o quão simbólico foi machucar meu pé exatamente quando mudei de casa e de trabalho: me sentia sem chão, sem rumo, incerta das minhas escolhas. Doía por fora e por dentro.

Chove

É que às vezes
chove dentro de mim

gotas d'água geladas
que caem assim, sem explicações
chuveiro miúdo
dolorido nos ossos
embaraçando o coração
ferrando os olhos de umidade

Nesses dias de chuva interior
é como se eu estivesse fora do lugar pior
como se não houvesse um lugar

O mundo todo gira ao meu redor
num compasso binário
certo e errado
bonito e feio
pode e não pode
toda tentativa parece erro
ser e estar perdem os sentidos
desmaiados no piso frio
do meu eu mais profundo



E-mail: *cintismoreira@gmail.com*
Blog: *http://cintimoreira.blogspot.com/*
Facebook: */cintia.moreira.144*
/fiandeirasdapalavra
Instagram: *@cintiamoreira*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em março de 2022.
